



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

IZIS INÊS MEDEIROS DOS SANTOS

JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ESTUDO EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA.

JOÃO PESSOA – PB

2023

IZIS INÊS MEDEIROS DOS SANTOS

JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ESTUDO EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito final para conclusão do Curso de Pedagogia no
Centro de Educação, da Universidade Federal da
Paraíba.

Orientadora: Profa Dra. Quézia Vila Flor Furtado

JOÃO PESSOA – PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237j Santos, Izis Ines Medeiros dos.

Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos:
estudo em uma escola municipal de João Pessoa. / Izis
Ines Medeiros dos Santos. - João Pessoa, 2023.
47 f. : il.

Orientação: Quezia Vila Flor Furtado.
Trabalho de conclusão de curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Escolarização. 2. Distorção idade/série. 3.
Itinerário escolar. I. Furtado, Quezia Vila Flor. II.
Título.

UFPB/CE

CDU 37(043.2)

IZIS INÊS MEDEIROS DOS SANTOS

JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: estudo em uma
escola Municipal de João Pessoa.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito
parcial para conclusão do Curso
de Pedagogia no Centro de
Educação, da Universidade
Federal da Paraíba

Aprovado em 10 de novembro de 2023

Banca Examinadora



Profa. Dra. Quézia Vila Flor Furtado

DME/CE/UFPB

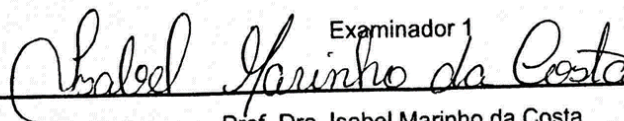
Orientador



Prof. Ms. Luciano de Sousa Silva

DME/CE/UFPB

Examinador 1



Prof. Dra. Isabel Marinho da Costa

DME/CE/UFPB

Examinador 2

DEDICATÓRIA

“Dedico este trabalho a meu esposo amado que sempre esteve presente me apoiando nessa caminhada, me dando ânimo para continuar; a minha filha amada incentivadora incondicional para a realização do meu sonho e ao meu genro sempre presente nessa jornada, incentivador nos momentos difíceis para jamais desistir do curso de Pedagogia.”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Senhor Deus que és a vida, e por suas infinitas bênçãos durante este percurso na Universidade.

Ao meu esposo Francisco, sempre parceiro na minha trajetória acadêmica, incentivador durante todo este percurso, mesmo diante de tantas dificuldades.

A minha filha Raquel, incentivadora desde o primeiro momento nessa jornada do curso de Pedagogia.

A meu genro José Eduardo, sempre com palavras motivadoras para conquistar meus objetivos, mesmo diante das adversidades da vida.

A minha mãe, pelo dom da vida.

Ao meu amigo Gean Barbosa, anjo em minha vida, obrigada por todo apoio que me disponibilizou.

A todos os colegas da turma, pelas partilhas de conhecimentos, amizades construídas, alegrias e sentimentos. Não é um adeus, apenas um até breve.

As minhas amigas Jeanne e Maritonia, presente ímpar que a academia me concedeu para a vida, perpassando os muros da universidade, para sempre a irmandade.

A todos os professores que fizeram parte desse crescimento educacional ao longo do curso.

A professora Isabel Marinho e ao professor Luciano Sousa, por aceitarem estar presente neste momento tão importante no meu percurso acadêmico.

Em especial a professora Quézia Furtado, por toda orientação, incentivo, colaboração, empatia e por acreditar que eu seria capaz de concluir esse TCC apesar de todos os desafios enfrentados no decorrer da elaboração deste presente trabalho.

“Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”

PAULO FREIRE

Santos, I.I.M, Furtado, Q.V.F. **JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ESTUDO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA.** João Pessoa; UFPB, 2023.

RESUMO

Este trabalho procura analisar a juvenilização na Educação de Jovens e Adultos (EJA), fenômeno este que torna-se mais presente em nossas escolas no decorrer dos anos e notoriamente nos dias atuais, uma população jovem oriunda do ensino dito regular diurno, com acentuado processo de defasagem idade/série. Por meio da pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa e exploratória realizada em uma escola da rede municipal de ensino de João Pessoa, utilizando-se questionário semiestruturado aplicado a seis educandos da EJA, os quais serão chamados por pseudônimos como aluno 1,2,3,4,5 e 6, garantindo assim o sigilo da pesquisa. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as causas que conduzem os jovens para a EJA, e diante dessa conjuntura ter a possibilidade de refletir sobre as possíveis causas e itinerários escolares que conduzem esses jovens para essa modalidade de ensino. Os resultados nos revelam jovens com especificidades heterogêneas, com passagens escolares malsucedidas, entre outras causas, que os levaram a esse processo de escolarização, mas sobretudo explicitam a luta em garantir para si a utopia de um futuro promissor mediante a conclusão de seus estudos. Como base teórica, autores como Arroyo (2017), Brunel (2014), Freire (1996), entre outros, fizeram parte do escopo referencial deste estudo, pois discorrem sobre a fundamentação do processo de juvenilização na Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Escolarização; Distorção Idade/Série; Itinerário Escolar.

Santos, I.I.M, Furtado, Q.V.F. **JUVENILIZATION IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: STUDY AT A SCHOOL IN JOÃO PESSOA.** EARLY ENTRY OF YOUNG PEOPLE INTO THIS EDUCATIONAL MODALITY. João Pessoa; UFPB, 2023.

ABSTRACT

This research aims to analyze the phenomenon of youthification in Adult and Youth Education (EJA), which has become increasingly prominent in our schools over the years and particularly in current times, a young population coming from the so-called regular daytime education, with a marked process of age/grade lag. Through field research with a qualitative and exploratory approach carried out in a municipal school of João Pessoa, using a semi-structured questionnaire applied to six EJA students, who are going to be called by pseudonyms such as student 1,2,3,4,5 and 6, thus ensuring the confidentiality of the research. The general objective of this study is to analyze the causes that lead young people to EJA, and in face of this conjuncture, to have the possibility to reflect on the possible causes and school itineraries that lead these young people to this type of education. The results reveal young people with heterogeneous specificities, with unsuccessful school passages, among other causes, that led them to this schooling process, but above all they make explicit the struggle to guarantee themselves the utopia of a promising future by completing their studies. As a theoretical basis, authors such as Arroyo (2017), Brunel (2014), Freire (1996), among others, were part of the referential scope of this study, as they discuss the basis of the youthification process in Adult and Youth Education (EJA).

Key-words: Schooling; Age/Grade Distortion; School Itinerary.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização dos participantes

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases.

SINAJUVE - Sistema Nacional de Juventude.

CEAA - Campanha para Educação de Adolescentes e Adultos.

CONFINTEAS - Conferências Internacionais de Educação de Adultos.

MEB - Movimento de Educação de Base.

CEPLAR - Campanha de Educação Popular da Paraíba.

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização.

CNE - Conselho Nacional de Educação.

CEB - Câmara de Educação Básica.

PNA - Política Nacional de Alfabetização.

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EaD - Ensino à Distância.

UFPB - Universidade Federal da Paraíba.

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 O JOVEM NA EJA: CONCEITO, HISTÓRIA E A LEGISLAÇÃO	16
2.1.1 Conceitos sobre juventude	16
2.1.2 História dos jovens na EJA	17
2.1.3 <i>Campanha para Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1947-1950)</i>	17
2.1.4 <i>Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFINTEA'S)</i>	19
2.1.5 <i>Legislação dos jovens na EJA</i>	22
2.2 A JUVENILIZAÇÃO DA EJA	24
2.2.1 Vulnerabilidade social do jovem na EJA	27
2.2.2 <i>As situações de fracasso escolar e sua relação com o jovem na EJA</i>	28
2.2.3 <i>A relação professor-aluno na EJA</i>	29
3. METODOLOGIA	31
4. PARTICIPANTES DO ESTUDO E SUAS CARACTERÍSTICAS	33
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
5.1. ANÁLISE DOS MOTIVOS QUE CONDUZEM OS JOVENS PARA A EJA	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
Referências	
Apêndice A	
Apêndice B	
Apêndice C	

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), na última década, apresentou um número crescente de jovens nas salas de aula dessa modalidade de ensino, seja no Ensino fundamental ou no Ensino Médio, o que ocasionou uma juvenilização acentuada na EJA, desviando-se aos padrões regulares destinado à esse ensino, que seria direcionado predominantemente ao adulto, o qual não teve a oportunidade de concluir seus estudos em idade dita como própria para esta finalidade.

Essa juvenilização está presente no cotidiano escolar, mesmo com o recuo obtido no percentual da taxa educacional nos últimos anos, segundo pesquisa divulgada em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população jovem ainda encontra-se em uma defasagem educacional, principalmente quando pensado por cor e raça, os estudantes entre 18 e 24 anos que se denominam pretos e pardos apenas 26,2% estavam estudando, e situações originadas por inúmeros motivos, também encaminham esses jovens para EJA.

Todavia, podemos observar que esse ingresso na EJA os conduzem para novas expectativas e itinerários no âmbito escolar, pessoal e profissional, os tornando sujeitos de direitos em uma educação justa, humanizada, como Arroyo (2017) nos menciona, culminando para o aluno um universo educacional que tenha significado para os mesmos enquanto seres humanos.

O tema da pesquisa deste trabalho de conclusão de curso, justifica-se por ser importante para a sociedade e para os indivíduos que fazem parte desse âmbito educacional, pois é através da Educação de Jovens e Adultos que se oportunizam a esses sujeitos relacionados na pesquisa supracitada possibilidades de escolarização, viabilizando educação escolar para a classe estudantil referenciada como os jovens – jovens da EJA ou seja, a Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos.

A partir dessa educação os jovens e adultos tiveram uma melhor ascensão no mercado de trabalho, no seu grau de conhecimento enquanto indivíduos em processo de formação escolar e social melhorando consequentemente sua qualidade de vida, exercendo direito assegurado para todos de acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), Artigo 37 da Lei nº 9394/96, nesta perspectiva “A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou

continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (LDB 2017, p.30). A educação é direito de todos e será apenas por meio desta que o indivíduo torna-se um ser crítico e detentor de seus ideais, sendo livre, autor de sua própria história, com autonomia na sociedade que está inserido.

A juvenilização na EJA apresenta-se em uma faixa etária diversificada, em que os jovens compõem grande parte das salas de aula, uma realidade bastante diferente de cerca de dez anos atrás, em que tive a oportunidade no momento referente ao estágio de uma outra graduação (História) conhecer a Educação de Jovens e Adultos, me envolver e admirar de maneira incondicional esta educação ímpar voltada para um público heterogêneo, detentor de conhecimentos ricos e singulares.

Percebi que estes aprendizados foram de suma importância para a vida de todos os envolvidos nesta modalidade de ensino, apresentando para o aluno um universo educacional significativo para seu desenvolvimento enquanto ser político e social, para que este educando sinta-se um sujeito que faz o mundo, que altera a desigualdade educacional em uma perspectiva libertadora. Corroborando, assim com Freire, uma vez que “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo [...]” (Freire 1996, p.38). Nesse contexto, educar é libertar-se na busca de conhecimento e aperfeiçoamento do indivíduo jovem inserido na Educação de Jovens e Adultos.

Com a realização da referida pesquisa, baseada na juvenilização da Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebeu-se que a mesma é de extrema importância para a vida de todos os envolvidos pois exprime para o aluno um universo educacional com significado para o seu desenvolvimento enquanto ser em construção social, política e alfabetizando da EJA. E para mim discente, que irei aprender juntamente com estes na descoberta contínua dos saberes educacionais. A pesquisa promove uma avaliação no tocante à alfabetização de jovens na EJA, aos ensinamentos executados na sala de aula da EJA, resgatando o conhecimento do indivíduo, levando este a questionar a capacidade existente para que possa mudar o mundo e a si mesmo.

Ao incorporarmos a pesquisa na esfera acadêmica, a mesma contribui de forma expressiva no processo educativo e de formação do professor, pois estes desenvolvem seus projetos acadêmicos dentro da realidade existente, em particular no estudo da EJA, tendo como referencial a juvenilização na educação de jovens e

adultos, oportunizando aprendizados únicos e de valor imensurável para a vida acadêmica, oferecendo suporte para debates e a busca de aperfeiçoamentos necessários para disponibilizar melhores ferramentas na Educação de Jovens e Adultos. Em especial, nessa temática da Juvenilização na EJA em que jovens cada vez mais jovens englobam essa estatística, oportunizando assim ao discente vivências únicas do que venha a ser o ato de aprender para esses sujeitos que estão inseridos nesse contexto educacional presente fortemente em nossa sociedade.

Diante do exposto, este estudo objetivou analisar as causas que conduzem esses jovens para o ensino da EJA, assim, identificar seus itinerários escolares mediante suas especificidades quanto aos motivos para esse percurso de ensino, caracterizar esses jovens da EJA, com seus estereótipos adquiridos cotidianamente. Neste contexto, refletir sobre essa juvenilização exclusivamente presente na EJA e a importância desse estudo que oportuniza para os mesmos novos trajetos significativos para suas vidas.

Para uma melhor compreensão do leitor, este trabalho divide-se em introdução, fundamentação teórica, metodologia, resultados e discussão. Na introdução, o leitor será apresentado à temática, de forma a entender as motivações que levaram à realização deste estudo.

Na fundamentação teórica, é traçado um panorama dos eventos histórico-sociais e os marcos legais que envolvem o processo de juvenilização da Educação de Jovens e Adultos, ao passo em que é realizada a caracterização da população que compõe este processo e suas principais motivações, desafios e potencialidades. Esta parte está pautada no pensamento de autores que buscaram entender a EJA como participante do processo educacional.

A metodologia é composta por todo o percurso em que a construção deste estudo foi realizada, desde a busca na literatura, até a obtenção dos resultados. Da mesma forma, os resultados e a discussão foram pautados na análise, tratamento e interpretação dos dados, relacionados à opinião dos próprios jovens no processo de Juvenilização da EJA. No decorrer do trabalho há aprofundamento na temática da Educação de Jovens e Adultos, destacando o processo de juvenilização da EJA.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O JOVEM NA EJA: CONCEITO, HISTÓRIA E A LEGISLAÇÃO

2.1.1 Conceitos sobre juventude

A juventude, do latim “*juventus*” que significa “jovem” ou “origem recente”, é um fenômeno composto por um grupo de pessoas com características, sonhos e realidades diferenciadas, seres humanos heterogêneos em seus aprendizados pessoais no decorrer da história, como nos apresenta Arroyo (2017, p. 223), que denomina esta fase da vida como “construções históricas, sociais e culturais”.

A juventude consolida-se em sociedade, caracterizada em uma fase da vida que está relacionada entre o momento da infância até chegar à fase adulta. Quanto à idade cronológica, Groppo (2017, p.12) sinaliza que:

[...] sabemos o quanto são diversas as definições. Elas tendem a conceber a puberdade - entre os 12 e 15 anos - como início da adolescência ou juventude, mas mesmo a puberdade, fator biológico, têm vindo cada vez mais cedo. Outrora a idade legalmente determinada como fim da “menoridade” (18 ou 21 anos, conforme o país e a época) marcava o final da juventude e o início da vida adulta. Novamente, muito vem mudando e a juventude vem se estendendo cada vez mais no tempo, nas práticas sociais e, agora, sob o reconhecimento da legislação - o Estatuto da Juventude, promulgado no Brasil em 2013, estende-se até os 29 anos.

Ao abordamos o tema juventude, o Estatuto da Juventude nos referênciava a idade no qual poderá ser considerada os indivíduos como jovens, esse contexto, assim nos é apresentado em seu Artigo 1º

Esta lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE).

§ 1º Para os efeitos desta lei, são considerados jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade. (BRASIL 2013, p.9)

De acordo com o exposto, esses jovens estão inseridos em lei de acordo com sua faixa etária e, perante a sociedade são considerados sujeitos na categoria juventude, gozando de todos os direitos a estes direcionados e garantidos por lei, como as diretrizes das políticas públicas no tocante a idade supracitada.

Diante desse contexto, percebemos que a juventude não se caracteriza de forma uniforme, sua interpretação (definição) muda no decorrer dos tempos, de

acordo com as sociedades, com as correntes filosóficas que a estuda. Neste sentido, algumas definições de juventude tornam-se pertinentes e para entendermos melhor suas características, Groppo (2017, p.23) a define:

- 1) a juventude é uma faixa etária (ou categoria etária) definida, precisa: deste modo, a juventude, assim como as demais categorias etárias, são imaginadas como tendo caráter natural, universal e evidente;
- 2) a juventude é uma transição à vida adulta: assim, a juventude não interessa tanto pelo que é, mas pelo que será ou o que deveria ser quando seus membros se tornarem adultos;

A concepção de juventude está intrinsecamente ligada à sociedade, o que estas entendem como ser jovem e o que venha a ser juventude. Percebe-se a presença dessa juventude e sua pluralidade na sociedade da qual fazem parte.

2.1.2 História dos jovens na EJA

Ao falarmos em alfabetização de jovens e adultos, podemos nos remeter às campanhas desenvolvidas durante os anos para tentar solucionar esse déficit educacional presente no Brasil, que observamos desde os primeiros séculos até a atualidade.

Dentre as campanhas está a Campanha para Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), com a finalidade de erradicar o analfabetismo entre jovens e também adultos, principalmente os da zona rural.

Com o analfabetismo em um patamar crescente, surgem as Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFITEA's), que buscam soluções legais e com embasamento nas leis para que a educação de jovens e adultos venha a ser suprida, e esta lacuna em aberto direciona-se para um patamar de declínio, viabilizando uma educação de qualidade com políticas de acordo com a heterogeneidade presente nas realidades dos educandos que fazem parte da EJA.

2.1.3 Campanha para Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1947-1950)

As campanhas de alfabetização precederam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), na busca de erradicar o analfabetismo entre jovens e adultos em nosso país, configurando a educação como elemento básico e primordial na vida de um ser humano, principalmente nos que fazem parte da EJA, pôr em sua trajetória, serem

vistos sempre com um olhar truncado, relativo a suas defasagens educacionais diante de negações básicas à vida, à uma humanização, à uma escolarização.

A Educação de Jovens e Adultos, consolidou-se na segunda metade do século XX, com propostas mais amplas para esta modalidade de ensino, tal como a CEAA, “que teve suas ações somente voltadas para a alfabetização e para ações de educação sanitária”. (Fávero, 2004). Campanha ruralista, argumentada na síntese de que o adulto analfabeto era incapaz em relação ao adulto alfabetizado.

Esta campanha é um marco para época, pois intitula-se como a primeira iniciativa do Governo Federal Brasileiro, sob a orientação de Lourenço Filho no tocante à políticas públicas para a redução do analfabetismo. A mesma foi Organizada e executada pelo Ministério da Educação e Saúde, com início em 1947, mediante um cenário em que a população acima de 15 anos de idade era analfabeta e a sociedade encontrava-se em uma transição entre uma população proeminentemente rural, para o processo de urbanização e industrialização, implicando assim, na necessidade de uma população alfabetizada.

Diante desse contexto da CEAA, nas entrelinhas da sua companhia, o analfabeto era visto como uma “chaga nacional”, proveniente da população rural do país, tornando-se uma campanha nacionalista (patriota) e higienista (saúde), em um momento de redemocratização do país. Isto implica que quanto mais pessoas alfabetizadas, maior o número de eleitores aptos a votar. Porém essa educação não apresentava qualidade educacional, o que gerou posteriores críticas como “ensinar a assinar o nome para obter o título de eleitor, “ferrar o nome”, como Paulo Freire criticou mais tarde” (Fávero, 2010, p.3).

Mesmo desenvolvendo esse parâmetro educacional, reducionista, demonstrando que o aluno analfabeto nada mais seria que uma “tábula rasa”, a Campanha se propagou gerando o primeiro Ensino Supletivo daquele período, uma ação inegavelmente importante para o país, culminando na ação do Ensino Primário para milhões de brasileiros que não sabiam ler; seja homem, mulher, adulto ou adolescente, da cidade ou da zona rural. A Campanha CEAA, conforme demonstra Fávero (2010, p.3):

[...] teve grande penetração em praticamente todos os estados da federação. Com firme coordenação, Lourenço Filho estabeleceu convênios com muitas secretarias dos estados e municípios. Não se limitou a atuar nas capitais, atingiu muitas cidades do interior. Significou, ao mesmo tempo, um

movimento de alfabetização de adultos e um movimento de extensão da escolarização no meio rural.

Mesmo com cunho retrógrado, com uma visão limitada para o analfabeto, como um ser não pensante, a CEAA teve suas especificidades e desdobramentos positivos para a educação de jovens e adultos, reconhecendo a necessidade para esse público de jovens analfabetos com alfabetização deficiente, que não tiveram acesso à educação em idade considerada própria para os mesmos.

Ainda sobre este cenário, outras campanhas de educação surgiram nas décadas próximas, exemplificando a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler (1961), Movimento de educação de Base (MEB-1961), Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR-1962), 40 Horas de Angicos (1963), Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL-1967), entre outros. Ambos voltados para a educação popular, ainda que alguns supracitados não ficassem apenas na educação do adolescente (jovem).

A campanha CEAA, juntamente com as demais foram importantes para esse público, inserido nesse contexto educacional, cada uma trabalhando de acordo com sua época e suas especificidades, porém focando no indivíduo que necessitava de educação, com o intuito de se adequar à conjuntura desenvolvimentista do país.

2.1.4 Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFINTEA's)

O tema analfabetismo é emergente e de amplitude mundial, neste contexto, a educação é algo imprescindível para os indivíduos. Diante deste panorama estão inseridas as CONFINTEA's, as quais apresentam conjunturas com o objetivo de debater e avaliar as políticas implementadas para a modalidade de ensino, produzindo documentos de acordo com a problemática da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a responsabilidade de manter uma visão abrangente para a educação de adultos ao longo da vida. As CONFINTEA's se subdividem em 6 (seis) conferências, objetivando um ensino de qualidade e representativo para os jovens e adultos da EJA.

Diante do exposto, a primeira CONFINTEA foi realizada na cidade de Elsinore (Dinamarca), em 1949, a segunda aconteceu em 1960, em Montreal (Canadá), a terceira, na cidade de Tóquio (Japão), em 1972, a quarta Conferência foi realizada em Paris (França), no ano de 1985, a quinta realizou-se em Hamburgo (Alemanha), em 1997, e a sexta CONFINTEA foi realizada em Belém – Pará (Brasil), em 2009.

Todas essas conferências referenciam temas ligados à EJA, na busca de uma maior visibilidade para essa modalidade de ensino, proporcionando uma educação aberta, voltada para as condições reais de vida da população, prega-se a tolerância e a paz e que a educação de adultos seja contextualizada ao longo da vida dos educandos.

A sexta CONFINTEA, realizada no Brasil, foi de suma importância para EJA, ampliando o debate na busca de direitos educacionais para esses sujeitos inseridos em políticas públicas específicas, para uma população com índices altos de analfabetismo, conforme demonstra o Ministério da Educação “[...] 67 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade que não concluíram o Ensino Fundamental, das quais 15 milhões não completaram quatro anos de estudo e 14 milhões sequer saber ler, escrever ou contar”. (BRASIL, 2009).

Essa realidade originou um olhar mais aguçado sobre esse público, em sua maioria oriundos das classes populares estigmatizadas na educação que lhes é ofertada, mediante suas condições sócio-ético-raciais, gerando uma vulnerabilidade na educação básica, algo que é seu por direito. A partir da organização da VI CONFINTEA, os jovens e adultos, no tocante a educação, obtiveram melhores condições educacionais direcionadas através de políticas públicas, mediante índices fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que deixa claro que o analfabetismo no Brasil necessita ser combatido em todas as regiões do país. Apesar de uma diminuição em seus percentuais, existe uma grande defasagem educacional entre homens, mulheres, idosos, jovens e adultos, em seus estudos formais, segundo índices do Ministério da Educação, no ano de 2006.

Com a realização da VI CONFINTEA, amplia-se o ponto de vista para uma reestruturação da EJA, com nova política educacional-pedagógica, para um público heterogêneo e com especificidades distintas, presente historicamente em seu cotidiano político e cultural. Entendendo a EJA como direito de todos na reconstrução de seus saberes, cuja pessoas desenvolvam suas habilidades e seus conhecimentos, a EJA é um mecanismo pelo qual os cidadãos puderam satisfazer suas necessidades voltadas para aprendizagem e conhecimento, oportunizando assim, um resgate educacional, social, cultural e político, dotado de uma criticidade por estes adquiridos no âmbito escolar. Os diálogos nessa reconstrução de saberes, estão inseridos os jovens com suas relações intergeracionais, assim, fazem parte deste coletivo, corroborando com o que nos aponta o Ministério da Educação:

O Brasil ainda é um país que possui parcela considerável de jovens, e dessa cultura é preciso dar conta. Grupos jovens têm questões próprias, ligadas às formas de ser e estar no mundo, de expressar suas juventudes, suas culturas, seus desejos e sonhos futuros. [...] O reconhecimento de maciça presença de grupos etários integrantes da categoria histórica jovem, de juventudes, nos processos educacionais, imprime também a necessidade de foco sobre esses sujeitos nas ofertas educacionais. (BRASIL, 2006, P.29)

Os jovens presentes na EJA, representam parte dessa esfera educacional, e a CONFINTEA esclarece que é necessário um olhar para estes com políticas e ofertas educacionais voltadas para essa faixa etária, para a expansão de seus conhecimentos escolares. Uma vez que o mapa da pobreza se confunde com o analfabetismo e com a pouca escolaridade entre os sujeitos.

Aos jovens em situação de privação em cumprimento às medidas socioeducativas, em sua elaboração, a VI CONFINTEA insere este adolescente, deixando exposto que: “o atendimento educacional aos adolescentes a partir de 15 anos, cumprindo medidas socioeducativas, é um desafio a ser enfrentado pelos sistemas públicos, no qual a EJA tem papel destacado pela história de atuação, com sujeitos socialmente excluídos.” (BRASIL, 2006, p.33). Nessa conjuntura, o adolescente tem direito à educação, o que ressignificou sua vivência educacional, garantindo uma inclusão social no cenário ao qual está inserido. Na perspectiva do ensino da EJA, o ser humano está apto para aprender e adquirir conhecimentos capazes de mudar seu trajeto educacional em uma troca mútua de saberes.

As propostas da VI CONFINTEA para a EJA, e em especial para o jovem presente nesta modalidade, são para que os mesmos possam usufruir dos meios de transformações proporcionadas por esse ensino aos educandos no mundo em que vivem, nas realidades vivenciadas, adaptando-se às mudanças. Educação esta, que torna-se libertadora e significativa para o indivíduo, que o retira da posição de ser incapaz transformando-o em humano crítico, apto a pensar sobre toda a sociedade que o cerca, desenvolvendo uma educação libertadora.

As CONFINTEA's marcam a educação ao favorecer experiências educativas e culturais voltadas para as camadas populares, projetando horizontes amplos, defendendo o princípio pelo direito de todos a uma educação de qualidade e consequentemente a eficácia no sistema de ensino, com a escolha de metas para os diferentes níveis de ensino, incluindo a EJA, focando as diferenças e as desigualdades econômicas e socioculturais que abrange essa área de estudo,

possibilitando assim, uma concretude diante das suas propostas para a educação, dando ênfase a concepção que os sujeitos que da EJA fazem parte, para que não sejam meros objetos, e sim o homem crítico no mundo e com o mundo.

2.1.5 Legislação dos jovens na EJA

No ensino educacional, nos deparamos com vários segmentos educacionais, entre eles encontra-se a Educação de Jovens e Adultos (EJA), voltado para o ensino específico, focado na educação para pessoas jovens, adultas e idosas, que não completaram seus estudos formais por algum motivo. Este quadro engloba homens e mulheres, para que adquiram conhecimentos, desenvolvendo valores essenciais para si e para sociedade em que vivem, uma vez que ao adquirir aprendizados modifica-se significativamente a vida de uma pessoa, pois a educação é essencial ao ser humano. Deste modo, a EJA foi criada, instituída e regulamentada no Artigo 37 da Lei 9394/96: Lei de Diretrizes e Bases (LDB), assegurando que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

A educação de jovens e adultos no âmbito pedagógico integra processos de formação em diversas áreas do cotidiano do ser humano de forma contínua e duradoura, dentro de uma perspectiva que venha suprir a escolarização básica, para aqueles que não tiveram acesso à escola em idade regular de acordo com a Constituição Brasileira de 1988. Corroborando assim com o Artigo 208, Inciso I que assegura: “ser dever do Estado a oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, por meio de cursos e exames que considerem as características dos alunos, seus interesses, condições de vida e de trabalho”.

Nesse contexto, a educação ofertada pela EJA tem um público adulto em seu quadro de ensino, mas nas últimas décadas essa faixa etária vem apresentando uma nova realidade educacional com o ingresso de jovens entre os 15 e os 29 anos de idade, não se limitando apenas aos sujeitos adultos, assim a EJA como modalidade de ensino, torna-se atrativa para esse público cada vez mais cedo, originando o que podemos chamar de juvenilização da EJA, com uma renovação significativa em sua faixa etária, englobando jovens em idades variadas. Entre 15-18 anos: adolescentes jovens; 15-24 anos: jovens-jovens; 25-29 anos: jovens-adultos.

Nesta perspectiva, esses jovens têm seus direitos educacionais na EJA garantidos por a Lei nº 12.852 de 05 de Agosto de 2013, segundo o Estatuto da

Juventude em seu Artigo 7º, o qual nos informa que: “O jovem tem direito à educação de qualidade com a garantia de educação básica obrigatória e gratuita, inclusive para os que a ela tiveram acesso na idade adequada”. Ao mesmo passo em que o Inciso 2ª nos apresenta que:

§ 2ª – É dever do Estado oferecer aos jovens que não concluíram a educação básica, programas na modalidade da educação de jovens e adultos, adaptados às necessidades e especificidades da juventude, inclusive no período noturno, ressalvada a legislação educacional específica.

O Parecer CNE/CEB 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, legitimando essa modalidade educativa com características próprias quanto às etapas da Educação Básica, perfil dos estudantes, identidade própria da EJA, princípios de equidade quanto às faixas etárias e uma proposição de modelo pedagógico próprio.

Este parecer tem função Reparadora (representa não apenas a restauração de um direito negado, mas também uma escola de qualidade e igualdade entre os seres humanos, seja qual for a situação), Equalizadora (estende a EJA a todos os sujeitos, proporcionando a reentrada no sistema educacional, seja qual for o motivo que ocasionou a interrupção de sua trajetória escolar) e Qualificadora (tem como base o ser humano incompleto e em desenvolvimento educacional, devendo a educação permanecer por toda sua vida).

Este documento torna-se então, um instrumento importante para EJA em seu desenvolvimento e aplicação para os educandos. Sendo assim, os jovens que fazem parte desse grupo gozam da cobertura da Lei assegurando uma educação para os mesmos que estão no ensino da EJA, em vez de estarem frequentando o ensino diurno regular, por motivos diversificados.

Em continuidade com as Resoluções referentes à EJA, para um direito assegurado em Lei, destinado aos educandos, a Resolução CNE/CEB nº 3/2010 prevê Diretrizes Operacionais no tocante a idade mínima para ingresso nos cursos da EJA, referentes ao Ensino Fundamental e Ensino Médio respectivos, relatado em seus Artigos 5º e 6º:

Art. 5º - Obedecidos o disposto no artigo 4º, incisos I e VII, da Lei nº 9.394/96 (LDB) e a regra da prioridade para o atendimento da escolarização obrigatória, será considerada idade mínima para os cursos de EJA e para a

realização de exames de conclusão de EJA do ensino fundamental de 15 (quinze) anos completos.

Art. 6º - Observado o disposto no artigo 4º, inciso VII, da Lei nº 9.394/96, a idade mínima para matrícula em cursos de EJA de ensino médio e inscrição e realização de exames de conclusão de EJA do ensino médio é 18 (dezoito) anos completos.

No ano de 2021, foi aprovada uma nova Resolução nº 01/2021 de 25 de Maio de 2021, com Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos, relacionadas à Política Nacional de Alfabetização (PNA), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a educação dos jovens e adultos na modalidade à distância (EaD), apenas para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, estas previstas em seu Artigo 1º. Em seu Artigo 2º objetiva-se o acesso, permanência e continuidade de estudos a todas as pessoas que não gozam destes em idade que venha a ser considerada como própria.

Assim como apresentado no Parecer 3/2010, nesta supracitada Resolução nº 01/2021, em seus Artigos 27 e 28, respectivamente, dispõem que 15 (quinze) anos completos será a idade mínima para ingressar na EJA, para conclusão do Ensino Fundamental (1º e 2º segmentos) e 18 (dezoito) anos completos para realização do Ensino Médio (3º segmento). Isso nos demonstra que esta atual resolução referente à EJA, continua com seus propósitos em abranger essa modalidade de ensino para jovens em acordo com a Lei 9.394/1996, não alterando sua idade para ingresso na EJA. Diante do exposto, a juvenilização continuará com índices elevados, porém estes jovens estão legalmente amparados segundo a lei.

Para fins constitucionais, esses jovens estão caracterizados e aptos a estudarem na EJA, juvenilizando automaticamente esta modalidade educacional e flexibilizando gradativamente o sistema de ensino, com o advento da EJA, tornando-se uma oportunidade para esses jovens concluírem seus estudos.

2.2 A JUVENILIZAÇÃO DA EJA

Com o advento dos anos 90, uma proporção muito grande de jovens, por motivos diversificados são levados de volta a sala de aula no ensino da EJA, principalmente por estarem usufruindo dos direitos legais para fazerem essa migração em massa para esse âmbito escolar. O ensino torna-se mais propício para os jovens entre 19 e 23 anos de idade, na busca do término dos seus estudos, com

suporte na retomada à vida escolar em um coletivo de direito. Dessa maneira, a juvenilização nos espaços escolares noturnos de ensino evidencia-se em uma realidade crescente, característica de uma população educacional que interromperam seus estudos básicos.

Furtado (2015, p.113), lembra-nos que:

Estamos falando de um grupo que cresce cada vez mais, devido a processos escolares mal resolvidos e deficientes desenvolvidos na atenção básica. É o que conhecemos como juvenilização da EJA, marcada principalmente a partir dos anos 1990.

Diante do exposto, essa juvenilização está ligada às trajetórias educacionais degradadas, à uma exclusão escolar de jovens, estes quase que em sua totalidade oriundos de itinerários que apresentam dificuldades de acesso e permanência no ensino dito regular, segregação, evasão, repetência, entre outros.

Esses indivíduos trazem consigo itinerários educacionais heterogêneos, de uma singularidade que os tornam únicos em seus objetivos e buscas diante da educação que lhes é oferecida no percurso de sua escolarização, com experiências negativas em sua totalidade, porém ao estudarem na EJA buscam um novo trajeto para superar as adversidades presentes em seus estudos, para obter uma realidade educacional mais justa, mais digna, sem que não se enxerguem segregados em um contexto social, de raça, de classes, podendo dessa maneira, resgatar seus percursos que não foram concluídos ou deixados pelo caminho.

Corroborando com este pensamento, Arroyo (2017, p.99), nos menciona que “Os adolescentes e jovens-adultos, tão injustiçados no seu viver na sociedade e no sistema escolar, têm direito a esses conhecimentos para entender a radicalidade de seus itinerários à EJA pelo direito a uma vida justa”. Deste modo, entende-se como indivíduo de direito, de um coletivo, mesmo que com uma trajetória escolar interrompida precocemente.

Com a flexibilização prevista em Lei, não somente para os jovens concluírem o Ensino Fundamental, mas também o Ensino Médio, através da Emenda Constitucional nº 59 de 2009, elevando significativamente a quantidade de jovens nessa modalidade de ensino. Neste sentido, os Incisos I e VII do Artigo 208 da Constituição Federal (p. 341) garante:

I- Educação básica obrigatória e gratuita dos 4(quatro) aos 17(dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria [...]

VII- Atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Neste contexto, torna-se inevitável a frequência de sujeitos adolescentes nas turmas da EJA, mesmo que presentes em um ambiente descontextualizado para sua faixa etária, que seria o ensino regular diurno, porém estes são detentores de direitos nesta distorção existente entre idade e ano escolar.

Nos últimos anos, o ensino da EJA integra esse fluxo estudantil, proveniente de trajetórias escolares desconexas, com suas identidades juvenis não reconhecidas, estereotipados na sociedade em que estão inseridos, como alunos considerados problemáticos, trazendo consigo reprovações, descontinuidades e rupturas escolares, sendo inferiorizados e discriminados. Por estes e outros motivos singulares, mas ao mesmo tempo homogêneos para esses jovens, justificando sua participação na EJA. Corroborando assim com Brunel (2014, p. 38), que ressalta a ideia de que:

Esses alunos valorizam o tempo dedicado à escola pois sua trajetória escolar foi permeada por reprovações, por períodos de ausência escolar por vários motivos, enfim, por descontinuidades e rupturas no processo educativo. Descontinuidades essas que podem ser traduzidas, aqui, por abandono à escola de um ou dois anos, por reprovações frequentes, por ausências escolares em função de problemas familiares, sociais ou econômicos.

Sendo assim, as reprovações constituem um dos principais motivos que instigam os jovens para a educação na EJA. O fator trabalho, casamento precoce, filhos na adolescência, sustento da casa e sobrevivência também se enquadram nesta realidade educacional vigente.

Neste sentido, essas condições citadas anteriormente, são oriundas majoritariamente, de núcleos populacionais considerados marginalizados educacionalmente pela sociedade, a exemplo dos jovens que residem em regiões periféricas, que segundo Arroyo (2017, p.33) são “[...] os moradores mantidos às margens das cidades, dos campos, às margens da sociedade, da renda, do trabalho, do espaço”.

Na década de 90 a educação da EJA encontrava-se alicerçada em mudanças, as quais paradigmas estão propostos a serem modificados dentro da aprendizagem dos indivíduos, permitindo dessa maneira ampliar o desenvolvimento social e intelectual dos mesmos, que em algum momento de sua trajetória educacional foram excluídos do convívio escolar, buscando assim na EJA essa ressignificação para as suas vidas. Essa absorção de conhecimentos elevará seus olhares de criticidade para si e para o mundo, e os jovens na juvenilização desse processo também buscam por conquistas para transformar suas realidades, suas lacunas em aberto, permitindo que isto não seja um fator limitante para realização de expectativas educacionais mediante um amanhã melhor, descobrindo-se como sujeito detentor de seu próprio destino.

Esses jovens que buscam essa ressignificação na EJA, encontram-se em sua totalidade, em situações de vulnerabilidade social, o fracasso escolar também faz parte desse quadro, mediante situações variadas presentes no itinerário destes alunos e com uma relação professor-aluno, às vezes deficitária, culminam em situações complexas que envolvem esses processos de ensino-aprendizagem relacionados com os jovens da EJA, que progressivamente são excluídos do ensino dito regular, enumerando um contingente significativo na EJA.

Além de deparar-se com toda essa gama de situações, o professor, a escola e o currículo também fazem parte deste cenário que modifica-se a cada dia, uma vez que a juvenilização acarreta desafios novos para seus educadores, mediante novas linguagens, culturas, convívios sociais, identidades heterogêneas e diversificadas do alunado jovem da EJA.

2.2.1 Vulnerabilidade social do jovem na EJA

Os jovens da EJA, fazem parte de um grupo que se caracteriza bastante visível no decorrer do processo educacional, tornando-se ainda mais evidente se pensarmos os grandes desafios que rodeiam esses jovens na sociedade da qual fazem parte, desafios estes relacionados às questões culturais, sociais, econômicas e educacionais. Diante do exposto, a questão da vulnerabilidade desse educando relaciona-se ao seu processo social, pois esses jovens ingressantes da EJA, em sua maioria, são oriundos de um cotidiano em que a vulnerabilidade está presente em seus ciclos de vida, de modo que a exclusão do espaço escolar e social seja algo constante em suas trajetórias e itinerários.

Esses jovens trazem consigo marcas arraigadas de alunos problemas, descompromissados, jovens à margem da sociedade. Conforme demonstra Brunel (2014, p.15):

[...] Os jovens estão fora do contrato social, seu espaço não está definido na sociedade, sua fala é frequentemente interditada e, quando mencionados na mídia, sua imagem está, na maioria das vezes, ligada às drogas, à violência, às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada.

O jovem da EJA encontra-se em situação de não ter direito de fala, de progredir, podado pela sociedade letrada, sem que haja um escoamento de seus direitos como sujeitos ativos no âmbito educacional vigente e em sociedade. Assim como menciona Arroyo (2017, p.229):

[...]São pensados como seus grupos sociais, raciais, dos campos e das periferias: como incultos, sem história, sem cultura ou atolados na cultura popular distante da nobre cultura, a cultura letrada. De volta à EJA porque iletrados; logo incultos. A sua educação carregou sempre essa visão negativa não só de analfabetos, iletrados, não escolarizados, mas a visão negativa mais inferiorizante: incultos. Distante da nobre e única cultura letrada.

Vale salientar que esses jovens apresentam problemáticas distintas, com seus medos, inseguranças, conflitos familiares, seus traumas e sobretudo, suas utopias.

Essa vulnerabilidade, diante do contexto acima descrito, leva para o ensino da EJA, esses educandos que buscam, em acordo com suas realidades, mudarem suas trajetórias tornarem-se notórios nesse caminho tortuoso relacionado à sua permanência no ensino da EJA e assim, serem reconhecidos como seres culturais e sociais, com suas identidades ímpares pertencentes ao ser humano. Entretanto, mesmo diante desta realidade e de suas inúmeras dificuldades, os jovens procuram manter-se na EJA e assim, ampliarem seus conhecimentos, desmistificando uma educação engessada em uma cultura social estereotipada, destinada à classe subalternizada da sociedade, marcadas predominantemente na sua configuração social.

2.2.2 As situações de fracasso escolar e sua relação com o jovem na EJA

Ao falarmos em fracasso escolar relacionados aos jovens da EJA, vários são os fatores que os levam para esse patamar em suas trajetórias educacionais. Entre estes, podemos expor a defasagem idade/série, processos escolares mal-sucedidos

desde a Educação Básica (infância), origem social, reprovações, desmotivação, condição socioeconômica, indisciplina no ensino regular, entre tantas outras questões de cunho social, étnico-racial ou econômico. Estes fatores acarretam em um quadro de situações de fracasso escolar pertinente a esses jovens, que buscam o ensino da EJA como uma porta de saída para suas inquietações referentes aos seus estudos, evidenciando já obterem experiências escolares frustrantes e consequentemente, sendo conduzidos à EJA.

Nesse sentido, compreender suas trajetórias escolares é de suma importância para que na EJA não ocorra novamente situações de fracasso escolar já vivenciado no ensino regular e, mediante este contexto, reconhecer esses jovens como sujeitos de direitos, o que os tornam passíveis de reescrever suas realidades escolares, corroborando com o posicionamento de Brunel (2014, p.56) em que “os alunos veem na escola a possibilidade de um futuro melhor”.

Nessa perspectiva, a educação encontra-se alicerçada em mudanças, as quais paradigmas estão propostos a serem modificados dentro da aprendizagem dos indivíduos, permitindo ampliar o desenvolvimento social e intelectual dos mesmos, que em algum momento de sua trajetória educacional foram excluídos do convívio escolar, buscando na EJA essa ressignificação para as suas vidas. Segundo Freire (1996, p.25):

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos gerem quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Mesmo com quadro de fracasso escolar, esse jovem da EJA supera obstáculos, para que as lacunas em aberto tornem-se um processo contínuo e conhecimento na formação do educando, dando condições de se tornarem um agente transformador de sua realidade.

2.2.3 A relação professor-aluno na EJA

Os jovens ingressantes dessa modalidade, ao chegarem à escola no ensino noturno, deparam-se com situações ímpares em suas vivências educacionais, principalmente com salas heterogêneas em relação à idade cronológica, saberes,

bagagem de conhecimento e de vivências, o que os impactam, não raramente, de maneira negativa.

Nesta realidade, soma-se professores com desafios no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, o que exige destes um olhar mais apurado para esse alunado jovem presente na EJA, buscando caminhos favoráveis para esse público e também uma prática docente fortalecida no diálogo e na escuta que são essenciais para uma positividade do ensino e de uma troca de saberes nessa nova realidade educacional destes jovens , incorporando propostas com especificidades distintas nos âmbitos sociais, étnicos e culturais.

Assim, descreve Brunel:

O professor que trabalha na EJA precisa estar aberto para um ouvir mais personalizado. Levar em conta a idade do aluno, sua situação financeira, seus sonhos, seus medos, sua posição de filho, de neto, de pai, de mãe, de esposo para poder compreender sua fala. (BRUNEL, 2014, p. 34)

A EJA possibilita uma educação fortalecida com ações dialógicas, inspirando práticas de ensino entre professor e aluno, um fator necessário em sala de aula para que ocorra uma aprendizagem significativa e libertadora, uma vez que o professor tem papel fundamental na educação desse jovem presente nesse processo de juvenilização da EJA. Professor este, agente transformador do sujeito que exerce papel primordial nesse aprendizado, diante de uma troca de saberes, sendo assim, de acordo com Freire (2011, p.47), “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Nesse contexto, a relação professor e aluno concretiza-se como princípio norteador em uma mediação significativa no ensino da EJA

3. METODOLOGIA

O presente estudo denomina-se de natureza qualitativa, corroborando com Guerra (2014, p.11) “[...]o pesquisador objetiva-se aprofundar-se na compreensão dos fenômenos o que estuda - ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social[...]” sendo assim, a proposta de coletar dados referentes aos sujeitos da EJA têm o intuito de entender suas trajetórias escolares e possíveis motivações que os levaram a essa condição escolar.

A pesquisa também apresenta cunho exploratório, pois, segundo Gil (2008, p.27) tem como objetivo “[...]proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato[...]”, obtendo assim, informações necessárias para realização da mesma. Deste modo foi utilizado como base de dados livros e artigos encontrados no Google Acadêmico, na plataforma Scielo e Repositório da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para servir de suporte teórico a este trabalho, assim como, livros físicos e documentos eletrônicos.

Os dados foram coletados a partir de questionários abertos, onde Gil (2008,p.122) menciona que “[...]solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas[...]”, com isto tem-se a possibilidade de amplas respostas para os que estão participando da referida pesquisa. Ainda neste contexto, encontra-se também na pesquisa o questionário classificado como fechado, ao qual Gil (2008, p.123) nos relata, “pede-se aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista”, deste modo apresentando perguntas previamente estabelecidas para os respondentes.

O questionário estruturou-se com sete (7) questões fechadas e dez (10) abertas respectivamente, realizadas de forma presencial com estudantes da EJA, buscando compreender entre outros fatores a importância do ensino da EJA para os alunos integrantes deste ensino. A pesquisa para este referido trabalho torna-se relevante, pois mediante resultados obtidos através da mesma, os dados são observados e analisados conforme as respostas dos participantes.

A escola selecionada para a pesquisa encontra-se situada no Bairro dos Novais, Município de João Pessoa, Estado da Paraíba. A escolha desta unidade escolar deu-se por a mesma disponibilizar os ciclos I, II, III e IV da EJA, oferecendo participantes em número suficiente no ciclo III e IV para a referida pesquisa os quais estão matriculados jovens em faixa etária/série que não frequentam mais o ensino

regular diurno. Público este que deveria estar no Ensino Fundamental ou Ensino Médio e por algum motivo, estão matriculados nesta modalidade de ensino.

A pesquisa foi realizada com seis jovens com idade entre 17 e 21 anos, os quais na referida pesquisa serão utilizados pseudônimos para os mesmos, os identificando como aluno 1, 2, 3, 4, 5 e 6 respectivamente, estes cursam os ciclos III e IV, sujeitos da EJA que encontram-se na faixa etária classificada como jovens e atendem, respectivamente, ao objetivo da pesquisa. As questões propostas correspondem aos aspectos relevantes vinculados à Educação de Jovens e Adultos. Os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o seu direito à participação e acesso aos resultados obtidos ao final deste estudo, sem ônus à sua liberdade de expressão ou danos morais.

Metodologicamente, a coleta de dados estruturou-se em uma visita à escola, posteriormente, visita às turmas dos ciclos III e IV, oportunidade na qual foi explanada para os alunos a proposta da pesquisa, que a princípio tinha como proposta ser usado o instrumento de entrevista gravada, mas os sujeitos não sentiram-se à vontade mediante esta proposta, optamos então pela via do questionário semiaberto contendo questões abertas e fechadas, o mesmo foi aplicado como base para referida pesquisa, relacionada à juvenilização da EJA. Estas etapas foram realizadas em comum acordo com o professor de língua portuguesa das referidas turmas.

4. PARTICIPANTES DO ESTUDO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Ao realizar a aplicação do questionário com os sujeitos que se disponibilizarão para a pesquisa, fica notório a heterogeneidade que está presente nas salas da EJA no tocante aos jovens ali presentes, mesmo esses sendo jovens e aparentemente homogêneos. Neste primeiro momento apresenta-se a caracterização desses indivíduos, contextualizando seus dados pessoais, a partir de como esses se enxergam enquanto sujeitos e seres humanos na sociedade que estão inseridos. Ao iniciar as análises no tocante a coleta de dados pessoais, fica notório a presença maciça de jovens entre uma faixa etária que engloba os 17 anos até 21 anos entre os seis participantes da mencionada pesquisa.

Quadro 1: Caracterização dos participantes

NOME	IDADE	SEXO	TRABALHA?	PROFISSÃO	RAÇA/ COR	NATURALIDADE
Aluno 1	20 anos	M	Não	Não tem	Preto	Conde
Aluno 2	19 anos	M	Não	Não tem	Preto	João Pessoa
Aluno 3	17 anos	M	Não	Não tem	Parda	João Pessoa
Aluno 4	21 anos	F	Não	Estudante	Parda	Santa Rita
Aluno 5	17 anos	F	Não	Estudante	Parda	João Pessoa
Aluno 6	17 anos	F	Não	Não tem	Parda	João Pessoa

Fonte: Dados coletados na pesquisa em Setembro/2023

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra colhida entre os educandos da EJA, compilou em uma reflexão a respeito da juvenilização da EJA, possibilitando elencar possíveis fatores que estão atrelados a este fenômeno presente na atualidade das escolas brasileiras. Em consonância a esses fatores de juvenilização nas salas da EJA, os resultados abaixo apresentam uma diagnose desses jovens estudantes.

5.1 ANÁLISE DOS MOTIVOS QUE CONDUZEM OS JOVENS PARA A EJA

Com a presente pesquisa e mediante os dados obtidos nas respostas ao questionário aplicado com os seis estudantes da EJA, foi possível analisar informações relevantes quanto ao perfil dos educandos. De acordo com as respostas, os participantes não trabalham, estão inseridos em uma faixa etária muito jovem, se autodenominam pardos e apresentam naturalidades diversificadas, porém uma maior concentração nascida em João Pessoa.

Ao ser iniciada a pesquisa, desenvolveu-se um primeiro contato com os participantes, sendo exposto o teor e a finalidade da referida pesquisa, para sequencialmente ser respondido um questionário com perguntas a respeito de suas percepções, motivos, trajetórias escolares que os conduziram para a EJA.

Neste sentido o primeiro questionamento foi direcionado para o(s) motivo(s) que levou os mesmo a estudar na EJA, corroborando assim com Brunel (2014, p.21) “[...]conhecer a trajetória escolar dos jovens pesquisados, sua vida pessoal, seus sonhos, desejos e medos foi fundamental para compreender que vários foram os motivos que os fizeram optar pela EJA e cada vez mais cedo[...]”. Neste sentido observamos respostas diversas dos alunos:

Terminar os estudos. (ALUNO 1)
Pra recuperar meus estudos. (ALUNO 2)
Eu estava muito atrasado. (ALUNO 3)
Porque fui mãe cedo. (ALUNO 4/ ALUNO 5)
Pro futuro ter algo melhor. (ALUNO 6)

Através dessas respostas podemos perceber que muitos são os motivos para que esses jovens estejam na EJA, estes assemelham-se em sua maioria, pois têm como foco a procura de concluir seus estudos.

Esta pesquisa procura caracterizar os jovens que fazem parte da EJA, analisar suas trajetórias escolares e refletir sobre as possibilidades que estes encontram no âmbito escolar da EJA. Estamos imersos em uma realidade em que jovens, a cada dia mais jovens passam a frequentar a EJA, em sua maioria buscando uma recuperação do tempo perdido, como é o caso dos alunos 1, 2 e 3 presentes nesta pesquisa, corroborando assim com Brunel (2014, p.43) “[...] se observa que esta alternativa está sendo cada vez mais procurada para a conclusão dos estudos do ensino fundamental e médio de adolescentes e jovens, na faixa etária dos 15 anos e 25 anos[...]”. Estando essa opção ligada a uma escolha pessoal e não uma determinação escolar.

Ao identificar o itinerário escolar desses jovens, percebe-se que são sujeitos em idade/série que poderiam estar no ensino regular diurno, porém encontram-se na EJA e diante desta perspectiva e ao serem questionados se estudar na EJA foi uma escolha pessoal ou uma determinação da escola, em sua totalidade responderam ter ocorrido uma escolha pessoal:

Porque eu quis mesmo. (ALUNO 1)
Foi uma escolha pessoal. (ALUNO 2)
Foi uma escolha pessoal. (ALUNO 3)
Pessoal. (ALUNO 4)
Pessoal. (ALUNO 5)
Pessoal. (ALUNO 6)

Mediante esta constatação, observa-se que os alunos 1, 3 e 6 assim como os demais 2 e 4 não foram direcionados a EJA, como comumente acontece, assim nos aponta Brunel (2014, p.26) “[...]Do ponto de vista político, existem procedimentos praticados no sistema de ensino que “estimulam” os alunos em defasagem idade/série a deixarem o ensino regular e a se encaminharem para a educação de jovens e adultos[...]”. Isto não foi verificado especificamente com os sujeitos participantes nesta pesquisa, os mesmos gozaram de livre arbítrio em suas escolhas.

Ao verificar o motivo por essa escolha acima supracitada, se a mesma estava ligada a uma rotina de trabalho no horário diurno, fica evidente que isto não ocorre, todos os educandos apenas estudam, confirmando assim os dados apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua:Educação 2022, “[...]25,2% estudavam, mas não trabalhavam[...]”, não tendo a necessidade de

uma jornada em que se concilie estudo e trabalho, é o que notamos em suas respostas, não ocorrendo discrepância entre os indivíduos participantes da EJA:

Só estudo. (ALUNO 1)
Só estudo mesmo. (ALUNO 2)
Eu só estudo. (ALUNO 3)
Estudo. (ALUNO 4)
Estudo. (ALUNO 5)
Estudo. (ALUNO 6)

Sabemos que na maioria dos casos, jovens que optam por um ensino noturno trazem consigo uma jornada de trabalho, porém não é o caso desses estudantes, os mesmos em sua totalidade apenas estudam o que também não os classificam como a geração nem-nem, aqueles que nem trabalha, nem estuda. Classificam-se como estudantes, com direito a educação, como podemos entender segundo Arroyo (2017, p.7) “[...]Vê-los como itinerários pelo direito a uma vida justa. Humana. [...] por direito à justiça, igualdade[...]”.

Estes estudantes apenas procuram estudar, ter uma nova perspectiva de vida, até porque vêm de escolas diurnas, com uma carga de conhecimentos, já vivenciaram a experiência da sala de aula e sempre tem algo que os atraía antes desse ingresso na EJA, como saberes e aprendizados de maneira concreta, estes buscam o necessário em seus pontos de vista o que agrega ao seu aprendizado.

Estes jovens são em sua totalidade oriundos de escolas regulares diurnas, o que pressupõe que já tiveram contato com a escolarização, com outros alunos e todo um contexto educacional prévio e isto lhes proporciona algum atrativo antes de ingressarem na EJA, pois segundo Freire (1996, p.23) “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor.” Como podemos perceber em suas memórias mediante questionamento relacionado ao que mais lhes atraía na escola que estudavam antes de ingressarem na EJA:

Educação física. (ALUNO 1)
As aulas. (ALUNO 2)
O ensinamento, e a comida. (ALUNO 3)
A aula de matemática. (ALUNO 4)
Aula de educação física. (ALUNO 5)
A Educação, Ensino. (ALUNO 6)

Isto aponta que esses sujeitos desenvolveram relações no âmbito pedagógico, enquanto participantes do ensino dito regular, e as trazem consigo em uma representatividade positiva.

Mas, no momento atual como participantes da EJA, com suas características próprias, em um ambiente escolar diferenciado em relação ao que frequentavam anteriormente, Brunel (2014, p.71) nos mostra que “[...] não é fácil para o aluno, pois ele encontra um ambiente diferenciado da sua escola de origem[...]”. Os mesmos também têm seus motivos para gostarem ou não da escola, algo notório em suas falas:

Eu gosto de estudar e não gosto da reforma que está demorando. (ALUNO 1)

Educação física. fica muito parado na cadeira. (ALUNO 2)

O que eu mais gosto é, dos ensinamento, e o que eu menos gosto é a comida. (ALUNO 3)

Gosto dos professores e menos gosto da merendeira. (ALUNO 4)

Gosto dos professores, a merendeira. (ALUNO 5)

Ensino. (ALUNO 6)

Estas respostas nos levam a perceber que o gosto pela educação, seus ensinamentos e conhecimentos fazem os mesmos gostarem da escola, em especial o aluno 1, que até chegar a EJA não sabia ler, sendo apenas um aluno copista e hoje se orgulha em ler e escrever, corroborando com Valle (2013, p.151) ao relatar “[...]que ler e escrever para o adulto é a abertura de um mundo de possibilidades, de elevação de autoestima e de melhoria de vida e ascensão profissional[...]”. No que não gostam na escola a reforma foi citada, o colégio está passando por uma grande reforma em decorrência do teto da biblioteca que caiu e interdita quase que em sua totalidade a escola.

Ao ingressarem na modalidade EJA, esses jovens se deparam com realidades diferentes de seus cotidianos escolares pregressos, são públicos diferenciados da realidade a qual estavam acostumados, nesse sentido, Brunel (2014, p.120) aponta: “[...]para muitos jovens saírem da escola regular e optarem pela EJA, não foi tarefa fácil pois tiveram que enfrentar uma realidade diferente da sua em vários aspectos[...]” mesmo com essa nova realidade adaptam-se e conseguem enxergar em suas novas realidades atrativos presentes no ambiente escolar, tornando-se um espaço de socialização e transformação social, para sujeitos com traços de vida, idades, vivências, históricos escolares e pensamentos próprios de cada ser.

Fora do âmbito pedagógico está o relacionamento com a merendeira, citado por alguns alunos, porém não querendo adentrar aos detalhes. Perante o exposto, alguns educandos sugerem mudanças físicas na escola, com o intuito de uma melhor acolhida para estes estudarem, visto que, atualmente as aulas estão sendo

ministradas no espaço em que funciona o refeitório, divididas por armários escolares para figurar as salas de aula, o que não é interessante para os alunos da EJA, comprovado assim em seus registros quando questionados:

Melhorar a quadra da escola. (ALUNO 1)
Uma melhor segurança. (ALUNO 2)
O lugar que esta sendo a aula e a comida. (ALUNO 3)
Não. (ALUNO 4)
Não. (ALUNO 5)
Não. (ALUNO 6)

Conforme exposto, ao pretender identificar o itinerário escolar desses jovens presentes na EJA, existem diversos relatos desses sujeitos, na procura por seus direitos educacionais, em suas trajetórias escolares que em alguns casos marcam de maneira positiva ou negativa na construção do conhecimento, em suas relações sociais, o que contribui de modo desmotivante frequentar a escola diurna regular, principalmente por estes não apresentarem uma educação linear, como nos expõe Arroyo(2007, p.36) "[...] O sonho da escola é que todas as trajetórias escolares fossem lineares, sempre progredindo, sem quebras, subindo as séries sem escorregar[...]". Nesse contexto marcas fazem parte dessa trajetória escolar no relato presente entre todos os estudantes desta pesquisa:

Dá diretora da escola que era cahat. (ALUNO 1)
Eu era muito apilidado. (ALUNO 2)
As amizades foi algo muito bom. (ALUNO 3)
Não marcou. (ALUNO 4)
Positiva. (ALUNO 5)
Negativa, reprovei. (ALUNO 6)

Na EJA, observamos um expressivo número de participantes jovens e em suas trajetórias escolares marcas positivas ou negativas fazem parte desse processo, como reprovações, relacionamento professor/aluno, gravidez precoce entre outros. Mas mesmo com essas disparidades, os mesmos expressão bom relacionamento com os professores quando alunos diuturnamente, todo esse panorama, reforça a ideia que esses jovens retornam à sala de aula com o objetivo de aprender e adquirir conhecimentos entendendo a importância da educação para as suas vidas.

Diante do exposto, Furtado (2015,p.132) nos diz que:

Esses jovens revelam que a escola tem significado prioritariamente relacionado ao futuro, portanto possibilitará novas oportunidades, sobretudo relacionadas ao trabalho, o que interpretamos como a busca de melhor qualidade de vida e que, para isso, precisavam estar na EJA em busca de sua certificação. No entanto, mesmo com grandes expectativas em relação a escola, e esse ser o grande motivo de permanecerem ali, percebemos que a busca por um futuro melhor através da EJA se revela nesses jovens pelo esforço individual, por um direito que é autoconstruído, que se expressa em reflexões mais amplas ao contexto educacional.

Isto nos revela que esses jovens que estão na EJA, buscam ali seus sonhos, objetivos para suas vidas, qualidade de vida, progredir em seus estudos, ter uma profissão e que a educação proporcionará estas perspectivas futuras para estes.

Dado o exposto, mesmo com marcas arraigadas pelo tempo, estes mantinham um relacionamento recíproco com seus professores absorvendo conhecimentos quando estudavam diuturnamente. De acordo com as abordagens. Em sua totalidade assemelham-se:

Dava trabalho a alguns professores, mas era tranquilo. (ALUNO 1)

Eran legam. (Eram legais) (ALUNO 2)

Era ótima minha relações com todos eles. (ALUNO 3)

Bom. (ALUNO 4)

Bom. (ALUNO 5)

Normal. (ALUNO 6)

Buscando esclarecer tais circunstâncias acima supracitadas, em acordo com suas falas, esses alunos perpetuaram uma boa relação professor/aluno. Assim, Libâneo,(1994, p.250) nos diz que:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, as dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Percebemos que suas trajetórias escolares antes da chegada a EJA, foi fluida em relação ao professor que fizeram parte de suas vivências enquanto alunos da educação diurna dita regular.

Ao serem caracterizados, os sujeitos da EJA quase sempre são vistos como tabula rasa, porém estes têm conhecimentos preexistentes, lutam por uma humanização, como Arroyo (2017, p.13) nos expõe,” [...]lutas pelos conhecimentos

da educação de pessoas jovens, adultas, passageiras do trabalho em itinerários pelo direito a uma vida justa. Menos injusta. Humana[...]”. Diante destas buscas questionamos a significação e a importância da educação e da escola para os mesmos, com a junção desses dois itens pode ser importante para os sujeitos de direitos da EJA; obtive respostas conscientes e importantes direcionadas a este tópico:

A escola é lugar de aprender. (ALUNO 1)
Melhorar a qualidade de vida. (ALUNO 2)
Na minha concepção é uma coisa fundamental de um futuro melhor.
(ALUNO 3)
Que aprendemos mais. (ALUNO 4)
Que aprendemos mais. (ALUNO 5)
Projeto de vida. (ALUNO 6)

É possível perceber que a educação para estes entrevistados significa mudanças educacionais e de vida, mais conhecimentos, acarretando perspectivas para um futuro melhor embasado em utopias heterogêneas, segundo seus relatos:

Arrumar um emprego bom. (ALUNO 1)
Policial. (ALUNO 2)
Quero terminar os outros 3 anos de estudo para trabalhar. (ALUNO 3)
Fazer faculdade. (ALUNO 4)
Fazer faculdade. (ALUNO 5)
Ser veterinária. (ALUNA 6)

Ao considerarmos uma reflexão relacionada aos sujeitos jovens da EJA, esses trazem consigo vivências prévias do seu cotidiano escolar, cultural e socioeconômico, porém buscam na escola, mesmo que considerado uma busca tardia ou defasada relacionada à sua idade cronológica um recomeço, um alicerce para o futuro.

A EJA, para estes indivíduos é importante, seja para término dos estudos, para ter um certificado, ascensão profissional, uma profissão ou mesmo um curso superior, a EJA proporciona isso para esses educandos, corroborando com Brunel (2014, p.136) “[...] mas como seres humanos como todos os outros alunos, com sonhos, ideologias, medos, resistências, frustrações, coragem, que são ingredientes para se viver e permanecer no mundo”. não podemos olhar esses com um olhar restrito, os sujeitos jovens da EJA só necessitam do direito à educação, sem esquecer que o educando jovem presente na EJA é um ser potencial.

A educação reflete uma autonomia para os indivíduos, gera seres críticos e diante dessa criticidade estão os educandos da EJA, transformando suas realidades truncadas em expectativas de um futuro melhor, sendo detentor de sua própria história social, cultural e política.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa, com o objetivo de analisar as causas que conduzem os jovens para a EJA, bem como identificar seus itinerários escolares descontínuos, verificando deste modo os motivos que fizeram estes jovens a ingressarem na educação noturna na modalidade EJA, caracterizando a mesma antes direcionada para um público específico de adultos que não concluíram seus estudos em idade dita própria, mas atualmente com uma juvenilização em seus espaços educacionais.

A pesquisa apresentou importantes contribuições na caracterização desses jovens que fazem parte da EJA, e assim foi possível compor seus perfis; sujeitos jovens, não trabalham, escolheram livremente estudar na EJA sem interferência da escola diurna regular, apresentam motivos diversificados para sua defasagem idade/série como; gravidez precoce, reprovações dentre muitos outros. E que mesmo estando em um ambiente escolar diferenciado do que frequentavam diuturnamente, gostam dos ensinamentos e desenvolvem um relacionamento admissível no campo pedagógico com o corpo docente da escola.

Estes indivíduos almejam concluir seus estudos, adentrar no mercado de trabalho e realizar seus objetivos pessoais. Entretanto, ao verificarmos essa presença de jovens na EJA, confirma-se que a EJA, vem constituindo-se como um ambiente de sujeitos múltiplos, heterogêneos e com uma singularidade própria, estes em sua maioria oriundos de contextos socioeconômico e culturalmente a margem da sociedade.

Os jovens entrevistados, que fazem parte desse novo público da EJA, trazem consigo inúmeras marcas em suas trajetórias escolares, porém veem na escola e no conhecimento educacional uma nova chance de alcançarem objetivos, sonhos realizações profissionais e pessoais, antes longínquas, demonstrando que mesmo tardio o processo educacional, estes são detentores de conhecimentos e não uma tábula rasa e sim sujeitos pensantes que através da educação tornam-se seres críticos, pensantes e detentores de seu próprio itinerário escolar, sujeitos de direito, humanos. Portadores e autores de ideias.

Mediante a pesquisa desenvolvida, a mesma é importante para a academia pois torna-se uma excelente oportunidade para que se aprofunde na temática juvenilização presente na EJA, gerando mais conhecimentos, oportunidades para

projetos, temas para extensões, acarretando avanços para estudos relacionados às ciências sociais, como também para a sociedade em geral, que poderá rever seus estereótipos relacionados em particular a esse público alvo, os jovens da EJA.

Ao realizar a pesquisa supracitada, percebi a importância da mesma para minha vida pessoal, gerando conhecimentos ímpares mediante diálogo com aqueles jovens na busca de seus objetivos, me mostrando que pequenas conquistas do cotidiano são realizações enormes para os mesmos e orgulhosamente nos relatam isso, como foi o caso do ALUNO 1 que me tocou profundamente, pois em seu relato, conta como o ensino da EJA o transformou em um ser pensante, capaz de ler , escrever e, acima de tudo compreender. Isto transformou-se em um ensinamento para minha vida pessoal, pois através deste relato, eu pude perceber o poder transformador e reconstrutor que a educação promove à vida humana, levando significado à sua existência.

Diante desse contexto, como estudante de Pedagogia e futura Pedagoga, esta pesquisa me instiga continuar pensando e enxergando o jovem presente na EJA, como um ser ímpar, detentor de conhecimentos e especificidades. Portanto, como profissional da educação se faz necessário conhecer seu aluno da EJA, seus itinerários escolares, mediante um propósito educacional pautado no diálogo, na escuta, na troca de saberes, em uma interação entre professor e aluno de forma empática e constante. Fui surpreendida positivamente com os jovens presentes na EJA, adquirindo experiências que perdurarão de maneira significativa em minha trajetória profissional e enquanto estudante de Pedagogia.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. **Educação de jovens - adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, L.; GIOVANETT, M. A.; GOMES, N. L (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL. **[Constituição (1988)] Constituição Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

BRASIL. **[Estatuto da juventude (2013)] Estatuto da juventude [recurso eletrônico]: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata**. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 37 p. – (Série legislação; n. 109)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)** / Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão**. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Câmara da Educação Básica. **Resolução nº 01/2021 de 25 de Maio de 2021**. Disponível em https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acesso_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf. Acesso em 19 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB 11/2000**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf>. Acesso em 15 jul. 2023.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. – 3. ed. – Porto Alegre: Mediação, 2014.

FÁVERO, Osmar. Lições da história: **os avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições de analfabetismo no Brasil**. In: OLIVEIRA, I. B.; PAIVA, Jane (Orgs). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A. 2004. P.13-28.

FÁVERO, Osmar. Memória das campanhas e movimentos de educação de jovens e adultos (1947-1966).Disponível em < <http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf>.> Acesso em 22 ago. 2023.

FURTADO, Quézia Vila Flor. Jovens na educação de jovens e adultos: **produção do fracasso e táticas de resistência no cotidiano escolar** - João Pessoa: Editora CCTA/UFPB, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GERAÇÃO nem-nem: **um a cada cinco jovens não estuda e nem trabalha no Brasil**, 2023. Terra. Disponível em <<https://l1nk.dev/hEngn>> Acesso em 20 out. 2023.

GIL, Antonio Carlos. Metodos e tecnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Irene; FERREIRA, Igor. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **AGÊNCIA IBGE- Notícias**, 2023. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>> Acesso em 19 set. 2023.

GUERRA, Eliane Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**, EAD. Educação a Distância. Anima Educação, 2014.

GROPPO, Luís Antônio, **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí, São Paulo. Paco Editorial, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Coleção magistério. 2º grau. Formação do professor. - São Paulo: Cortez, 1994.

LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília; Senado Federal. Coordenação de Edições Técnicas. 2017.

SINPEEM - **Resolução CNE/CEB nº 3/2010.** Disponível em<[https://www.sinpeem.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=5330&friurl=_-Resolucao-CNE-CEB-No-32010-_-](https://www.sinpeem.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=5330&friurl=_-Resolucao-CNE-CEB-No-32010-_)> Acesso em 07 set. 2023.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da alfabetização** / Luciana de Luca Dalla Valle - Curitiba: InterSaber, 2013. - (SÉRIE Metodologias).

APÊNDICE - A



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO

João Pessoa, ____ de setembro de 2023

AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTAS

Vimos por meio deste, solicitar autorização para realizar entrevistas com seis discentes da Educação de Jovens e Adultos para a pesquisa **“Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos (EJA)”**. Os possíveis entrevistados serão consultados sobre a sua disponibilidade, sendo assinado em comum acordo o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (anexo).

Pesquisadora
(email: izisines@gmail.com)

Orientadora
(email: quezia.flor@academico.ufpb.br)

APÊNDICE - B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu _____ em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa de TCC que tem como título “ **Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos**”. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos: O trabalho “**Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos**” tem como objetivo geral **analisar as causas que conduzem os jovens para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Ao voluntário caberá a autorização para ser entrevistado tendo suas respostas gravadas, de forma que não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho pra proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 999779348 com **Izís Inês Medeiros dos Santos**.
- Desta forma, uma vez lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este de consentimento livre e esclarecido.

_____ de _____ de 2023.

Assinatura

APÊNDICE - C

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados pessoais.

- 1- Nome do aluno(a):
- 2- Idade:
- 3- Sexo; Masculino () Feminino ()
- 4- Você trabalha? Sim () Não ()
- 5- Qual a sua profissão?
- 6- Segundo as categorias utilizadas pelo IBGE, qual raça / cor se considera?
()preto ()pardo ()indígena ()amarelo ()outros
- 7- Qual a sua naturalidade?

Questões propostas:

- 1- Qual(ais) motivo(s) levou você a estudar na EJA?
- 2- Foi uma escolha pessoal ou uma determinação da escola?
- 3- Você apenas estuda ou estuda e trabalha? Sendo necessário conciliar as duas coisas?
- 4- Antes da sua entrada na EJA, o que mais lhe atraía na escola que você estudava?
- 5- Agora na modalidade EJA, poderia citar o que você mais gosta na escola e o que menos gosta?
- 6- Você gostaria de sugerir alguma mudança na escola? Qual?
- 7- Na sua trajetória escolar existe algum fato que lhe marcou de maneira negativa ou positiva?
- 8- Como era seu relacionamento com os professores quando estudava no ensino regular diurno?
- 9- Qual a importância da escola e da educação na sua concepção?
- 10- Quais suas perspectivas futuras ao término dos estudos na EJA?